A Invenção da Terra de Franco Farinelli

Magali Gomes Nogueira

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/1304>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.1304

ISSN: 2316-7793

Editora

Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Referência eletrónica

Magali Gomes Nogueira, «A Invenção da Terra de Franco Farinelli», *Terra Brasilis* [Online], 4 | 2015, posto online no dia 12 fevereiro 2015, consultado o 05 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/1304> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.1304>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 dezembro 2022.

All rights reserved

A Invenção da Terra de Franco Farinelli

Magali Gomes Nogueira

REFERÊNCIA

FARINELLI, Franco. A invenção da terra. Tradução: Francisco Degani. São Paulo: Editora Phoebus, 2013

- 1 Em capítulos curtos, de forma poética, o geógrafo Franco Farinelli discorre sobre os principais conceitos da ciência geográfica: a forma da Terra, suas medidas, sua representação cartográfica, a paisagem, a economia, a globalização dos territórios e das nacionalidades, o espaço e as redes. O que mais chama a atenção é a forma como realiza essa construção, acompanhando as diversas aproximações humanas e seus discursos a respeito da realidade: mitos, narrativas, literatura de viagens vão sucedendo-se nos diversos momentos da História da Humanidade e, em cada um deles, o conhecimento do real suplanta a necessidade de metáforas para justificar o que não se sabe, chegando-se, com Kant, ao conhecimento científico.
- 2 E então, poeticamente, retorna ao início da narrativa: a ciranda, cirandinha e as cantigas de roda de nossa infância, “que se sucedem ao infinito”, metaforicamente são apresentadas como a mimese perfeita e consciente do mundo e de seu funcionamento: o chão, onde a brincadeira termina, como uma tabula plana, lisa e contínua que garante a estabilidade e identidade dos que giram, refletindo o mecanismo do mundo e levando-nos de volta ao primeiro mito da terra plana e da definição da linha do horizonte: da Cosmogonia babilônica das origens, o *Enuma Elish* à *Genesis* hebraica, a organização do Caos permite estabelecer a hierarquia entre as esferas e o plano da Terra, base topográfica do mapa. Apresenta-nos a discussão objeto de seu discurso: o mundo, enquanto plano tinha um único centro, mas como globo, gira e o centro fica plural e móvel e, em consequência, a proximidade das coisas não implica em sua

homogeneidade e isotropismo, eliminando dele, mundo, o espaço e o tempo, surgindo algo funcionalmente descontínuo, não homogêneo, não um Universo.

- 3 Apesar das teorias globalizantes dizerem o contrário, para ele, mais do que nunca, hoje, a comunicação continua sendo um processo sequencial, lógico e linear, como uma função matemática, não podendo a estrutura material desta comunicação acompanhar a fluidez dos contatos, pois estes passam por estradas reais e vão sendo distribuídos de acordo com interesses econômicos determinados, exigindo, dos geógrafos, novos olhares para poderem continuar atribuindo sentido às suas feições e não se iludirem com o discurso da globalização.
- 4 Uma crítica possível a este interessante relato parece-nos concretizada na insistência de determinar inícios e nacionalidades aos conhecimentos produzidos durante o extenso espaço de tempo explorado pelo escritor em seu curto e denso texto.

AUTORES

MAGALI GOMES NOGUEIRA

Doutora em Geografia Humana/USP